



O Advento é o prelúdio do Natal. Maria é o Advento de Jesus. Primeiro a Mãe; depois o Filho. O Advento é o grande Prelúdio, transição entre o passado Pentecostes e o futuro Natal, recomeçando a Eterna Canção de nossas Salvações. Maria constitui a Música mais toada e aceita, separando-nos do profano e da terra, alando-nos às excelsitudes desejadas da meiga sinfonia do Natal.

ANO LX

SÃO PAULO, 7 - XII - 1958

NÚMERO 46

Ave
maria

PÃO SOB A NEVE

Não é um parêntesis no Advento a solenidade da Imaculada Conceição.

Não se desvia do pensamento de Jesus que vem, quem alça os olhares do coração à Pureza Ilibada da Virgem Mãe de Deus.

Antes, é uma luz que sublinha o roteiro do Natal, um esclarecimento que faz mais desejado o Menino descido do Alto.

Porque Jesus Infante é um alimento querido, um Pão substancial, um Trigo de promessa.

Ora, Ele se oculta sob a Neve. Debaixo das alvuras tranqüilas e luminosas da Imaculada Conceição.

* * *

Nos campos europeus, o trigo hiberna-se. Condensa a potencialidade de suas germinações fecundas sob os lençóis alvos da neve.

Parece pedir todos os anos, uma cortina de pureza entre ele e os homens para se tornar mais substancial e vigoroso.

E as alvuras que descem do céu como que fazem mais puro o trigo da terra.

O pão, sob a neve.

* * *

Foi preciso que o Verbo de Deus, desejoso de descer para alimento que nos restaurasse e nutrisse, tivesse também uma Cortina de Pureza.

Um interlúdio da Imaculada Conceição, entre os pecados nossos e as santidades de Deus.

Um estágio intermédio entre o Coração do Pai e as desoladas fomes nossas.

Maria Puríssima, entre o céu e a terra, nuvem branca a recobrir as fealdades do chão, desejosa de encerrar o Trigo suave, que purificando alimenta.

O Pão sob a neve.

* * *

E eis que Maria não nos desvia de Jesus. Prepara-O, antecipa-O, condiciona, em suas dimensões imaculadas, a manifestação temporal do Filho de Deus.

É a condição necessária para que Ele se assemelhe a nós, vibrando em nossa carne, palpitando em nosso coração, vivendo em nossa natureza humana.

O melhor Advento, para o mais divino Natal.

* * *

Nós nos ajoelhamos ante a Imaculada Conceição.

Desejamos que a Neve seja a brancura de nossa alma sequiosa.

E estenda a alvura de seus lençóis, o brilho de sua luz, o genuino de sua origem celeste, sobre o altar de nosso coração.

Para que o Pão Divino de nosso Natal repouse em toalhas imaculadas, alumie-se a círios virgens, encontre celeiros intocados.

E nos seja, dessarte, mais saboroso nutriimento, mais encantador afeto, mais delicioso êxtase.

* * *

Receariamos, talvez, se Jesus empreendesse uma reta e fulmínea estrada, do Seio do Pai ao presépio de nossas almas.

Se o Trigo não se albergasse sob a Neve.

Mas, para ventura nossa e recrescido fruto de nossa piedade, aquêlê Deus que conhece os pávidos tremores de nossas agravadas consciências, vai dar-nos o Menino Jesus no regaço da Imaculada Conceição.

ESCREVEU

Antônio Maria Alves de Liqueiro
Caro. Coeij.

À MARGEM DO EVANGELHO

SEGUNDO DOMINGO DO ADVENTO

São João Batista veio a este mundo com a missão muito determinada de preparar as almas para receber a Jesus com sua doutrina. Côncio de seu papel, diversas vezes deu testemunho d'Ele, isto é, indicou a seus discípulos e ouvintes que deviam seguir a Jesus, indigitou-o como o Messias aguardado por todos os israelitas.

Eis que, nas sombras do cárcere, vieram distraí-lo com a narração dos feitos extraordinários que começava a operar Jesus. Soube, portanto, que o singular parente saía, enfim, de entre as paredes da vida oculta para a amplidão luminosa da vida pública, pôsto em evidência pelos refletores dos milagres. Jesus entrava a manifestar-se como o Messias.

Pois bem. João, que sabia quem era Jesus, em vez de ter confirmada sua certeza com os milagres de Nosso Senhor, desceu à dúvida. Mandou seus discípulos indagar de Jesus se Ele era de fato Aquêle que havia de vir, ou seja, se era o Messias.

Autores há que solucionam essa estranheza do seguinte modo. João não duvidou, mas seus seguidores não se acabavam de convencer que a missão do mestre havia terminado, e que lhes urgia substituí-lo por Jesus. Eles precisavam deixar João Batista e agrupar-se em torno do Nazareno. Por isso, o Profeta encarcerado remeteu-os a Jesus a fim de que se convencessem da verdade junto do próprio Jesus.

Outros, porém, apelam para um fato assás corrente entre os grandes santos. A alma do Precursor, acompanhando o ambiente em que definhava o corpo, também penetrou nas solitárias trevas de angústias interiores. Passou por uma "noite escura" de São João da Cruz. Não houve dúvidas intelectuais, senão perplexidades de ordem mística. As claridades de sua missão cumprida e da presença do Messias obnubilaram-se de repente.

Dizíamos que esse fato é comum na vida dos santos. Tomemos um exemplo recente. Santa Teresinha do Menino Jesus encontrou na esperança do Céu um apoio eficaz para praticar a renúncia e aprofundar-se nas virtudes. Eis que nos últimos meses de vida, quando já enxergava as suspiradas portas do Céu entreabertas, as tentações contra a fé lhe arrancam esse poderoso amparo. "Desfrutava uma fé bem viva", escreveu ela, "tão clara, que o pensamento do Céu me enchia de felicidade; não podia crer que houvesse ímpios e convenciam-me de que, por certo, eles falavam contra o próprio pensamento, quando negavam a existência do outro mundo. Mas... permitiu Jesus que minha alma fôsse invadida pelas mais espessas

(S. Mateus, XI, 2-10)

Naquele tempo, estando João no cárcere, como tivesse ouvido as obras de Cristo, enviou dois de seus discípulos a dizer-lhe: — "És tu o que hás de vir ou devemos esperar outro?"

E, respondendo, Jesus lhes disse: — "Ide, contai a João o que ouvistes e visteis. Os cegos vêm, os coxos andam, os leprosos são limpos, os surdos ouvem, os mortos ressuscitam, os pobres são evangelizados. E bem-aventurado aquêle que não encontrar em mim motivo de escândalo".

E, tendo eles partido, começou Jesus a falar de João às turbas: — "Que fostes ver no deserto? Uma cana agitada pelo vento? Mas, que fostes ver? Um homem vestido de roupas delicadas? Mas os que vestem roupas delicadas se encontram nos palácios dos reis. Mas, que fostes ver? Um profeta? Sim, digo-vos eu, e ainda mais do que profeta. Porque este é aquêle de quem está escrito: Eis que eu envio o meu anjo adiante de ti, o qual preparará o caminho adiante de ti".

trevas e que o pensamento do Céu, tão doce para mim desde a primeira infância, se me tornasse ocasião de combate e tormento". E continua a santa a explicar-se numa passagem que é bastante conhecida. Pois a João Batista podia ter advindo uma prova semelhante.

* * *

Estes exemplos nos hão de pôr de sobreaviso, porque podemos atravessar caminhos assim. A vida material, sensível, que nos rodeia, é capaz de nos assediar a tal ponto, que não avistemos por algum tempo as realidades sobrenaturais e eternas. E São João Batista, mandando interrogar Jesus, nos ensina uma atitude acertada para tais tranfes: buscar auxílio e consôlo com uma pessoa de virtude. Situada fora de nossas obscuridades, ela nos poderá guiar com acêrto ao mesmo tempo que nos conforta e estimula. É a hora do diretor espiritual. É possível muitas vezes prescindir d'Ele. Nesses momentos, não.

Pe. ATHOS LUÍS CUNHA, C.M.F.

Os judeus e nós

A IMACULADA CONCEIÇÃO DE N. SENHORA

(Dia 8 de dezembro)

● **Israel, nação de 10 anos apenas** — Israel é um país menor que o nosso Estado de Alagoas, onde moram quase 2 milhões de judeus. Seus 20.000 km² abrangem quase todo o território da antiga Palestina, onde Jesus viveu. Os judeus tiveram de lutar muito para conseguir esse território, cuja independência foi proclamada no dia 14 de maio de 1948, ao meio-dia, quando Davi Ben Gucion leu a Declaração da Liberdade perante o Parlamento (Knesset) judeu.

A capital nominal é Jerusalém, mas, de fato, é a cidade de Tel-Aviv, que abriga o Parlamento. Em 1952, com a morte do primeiro Presidente de Israel, Cahim Weizmann (lituano), foi eleito "premier" o famoso já citado Davi Ben Gurion.

O Estado de Israel respeita todos os Credos, mas não são bem vistos os judeus convertidos aos catolicismo. Os Católicos somam 23.000 e têm um Arcebispo em Nazaré.

● Sabemos que a conversão de judeus ao Catolicismo encontra firme resistência por parte da comunidade judaica. Mas ante as profundas crises e radicais divergências sobre religião, política e raça, tradições judaicas e influências liberais e modernistas, nós poderíamos talvez perguntar se não teria soado a hora da Providência e uma aurora de conversões de judeus ao Catolicismo.

Os católicos em Israel não são numerosos. Entre os judeus reina um grande desconhecimento da doutrina católica e cristã. Por outro lado, entre os judeus do mundo inteiro, há um clima de grande respeito e admiração por figuras desassombradas de bispos, cardeais e, de modo especial, pela augusta pessoa do Papa Pio XII, recentemente falecido e pranteado pelo povo judeu, em geral, e pelas suas mais altas autoridades. Defendidos por ele nas horas mais angustiosas da sua história, os judeus consideram-no um modelo de coragem, um baluarte da jus-

tiça. Por ocasião da morte de Pio XI, dizia o Grão-Rabino de Paris, Lulien Weil: "Em numerosas ocasiões Pio XI denunciou com firmeza e luminosa exatidão os perniciosos erros do paganismo racista e condenou o anti-semitismo como inconciliável com a lei cristã e como um fator de iniquidades e de violências odiosas. Estou seguro de ser o intérprete dos sentimentos de todos os meus correligionários ao saudar a grande figura de Pio XI e dar em nossas orações uma expressão religiosa à nossa homenagem de pesar e de gratidão para com este grande servidor de Deus, da justiça e do amor".

Em 1946, Pio XII, recebendo uma delegação dos países árabes não teve receio de falar-lhes assim: "Reprovamos todo o recurso à força e à violência, seja de quem for, como também condenamos em várias ocasiões as perseguições que um anti-semitismo fanático cometeu contra o povo hebreu".

E ainda no ano passado o Santo Padre, falando ao Comitê Judaico Americano apelava em favor das vítimas da perseguição racial, e referia-se a ela como a uma "praga diabólica". Atitude tão clara e desossombrada comoveu profundamente os judeus do mundo. E levou e leva muitos a um estudo mais aprofundado do Catolicismo.

Um dos aparentes impossíveis da História se tem realizado: A reunião dos judeus num Estado independente. Talvez se venha a realizar em breve o outro "impossível": a conversão dos judeus ao Catolicismo".

★ "De tanto ver triunfar as nulidades, de tanto ver crescer as injustiças, de tanto ver agigantarem-se os poderes nas mãos dos maus, o homem chega a desanimar-se da virtude, a rir-se da honra, a ter vergonha de ser honesto".

Ruy Barbosa

Dia 8 de dezembro, a santa Igreja comemora a festividade da Imaculada Pureza da Virgem Maria, Mãe de Deus e Mãe nossa. Foi para acentuar mais esta comemoração, tão necessária e tão oportuna numa época em que o sórdido materialismo campeia atrevidamente em praça pública e os honestos precisam quase ser heróis para se conservarem impolutos, que a Santa Igreja impôs, como preceito, a todos os fiéis, a assistência à santa missa e a santificação deste dia, bem como o jejum e abstinência na véspera, como preparação espiritual à recepção das graças e favores divinos em nossos corações.

O dogma da Imaculada Conceição evoca o dogma do pecado original. Por causa do pecado dos nossos primeiros pais no paraíso terrestre, nascemos todos privados daquela inocência primitiva em que foram criados nossos pais, e que deveria ser, caso eles não pecassem, apanágio de toda a natureza humana. É nesta privação de santidade e de inocência sobrenatural que consiste o pecado original, com o qual todos nascemos, visto que nascemos despojados da inocência e da amizade de Deus, a qual só nós será restituída pelo santo sacramento do batismo.

A Virgem Maria, escolhida para ser a Mãe do Deus encarnado, não poderia estar sujeita ao império do pecado. E Deus a preservou da mácula original, já desde o primeiro instante da sua concepção. Por isso ela é chamada a Imaculada. Por isso, Ela foi sempre cheia de graça e santidade, desde o primeiro instante da sua existência, pelos méritos do seu Filho, o Redentor do mundo.

Foi o Papa Pio IX que, aos 8 de dezembro de 1854, proclamou o dogma da Imaculada Conceição de Nossa Senhora. E, quatro anos mais tarde, a 25 de março de 1858, na quarta vez que apareceu à Bernadette, em Lourdes, Nossa Senhora confirmou este dogma, revelando-se: "Eu sou a Imaculada Conceição".

A. B.

PINTOR BRASILEIRO APRECIADO PELO NOVO PAPA

Sua Santidade o Papa João XXIII, quando era ainda Patriarca de Veneza, em 1956, escolheu e adquiriu um quadro do pintor Di Cavalcanti para figurar no Museu do Instituto Internacional de Arte Litúrgica do Vaticano.

O então Cardeal Roncalli viu o quadro, intitulado "Crucificação de Cristo", quando este se achava ex-

posto na Bienal de Veneza. A tela do pintor patricio foi a primeira obra de arte moderna a ser incluída na pinacoteca do Vaticano.

A propósito, Di Cavalcanti declarou-nos:

— D. Helder Câmara já acentuou, em entrevista à imprensa, que o novo Papa é amigo dos artistas e intelectuais e foi grande incentivador da Bienal de Veneza. Posso dar o meu testemunho pessoal de que nesse terreno ele é um autêntico inovador, isento de preconceitos em relação à arte moderna.



Evangelista, da qual foi provincial durante três anos. (NC).

ROMA — O presidente de Israel Itzhak Ben-Zvi enviou uma mensagem a S. S. o Papa João XXIII em que expressa suas "respeitosas felicitações" e faz votos para que a humanidade goze, durante o reinado pontifício, "da paz que contemplaram os profetas". (NC).

● AMÉRICA

NAÇÕES UNIDAS, N. Y. — A Ordem dos Cavaleiros do Santo Sepulcro dirigiu um comunicado às Nações Unidas pedindo a internacionalização de Jerusalém e proteção efetiva dos Santos Lugares da Palestina; assina o documento o príncipe Xavier de Bourbon-Parma em nome da seção francesa da Ordem. (NC).

WASHINGTON — De 23 a 29 de novembro, semana do Dia de Ação de Graças, os católicos norte-americanos fizeram a X Coleta de Roupas e Remédios destinados aos necessitados do mundo inteiro; anunciou a coleta o presidente do Conselho da NCWC (National Catholic Welfare Conference) e arcebispo de Baltimore, Mons. Francis Keough. Em 1957 recolheram-se donativos no valor total de mais de dezessete milhões de dólares. (NC).

ROSARIO, Argentina — Doentes crônicos e paráliticos, alguns dos quais há dez anos em hospital, passaram aqui um dia inteiro com os alunos do Seminário Maior arquidiocesano; depois de percorrer o parque da cidade e outros locais almoçaram juntos e assistiram a uma sessão cinematográfica. Os seminaristas fazem, aliás, visitas periódicas ao hospital geral do Rosário, para dar assistência aos enfermos, quase todos indigentes. (NC).

NOVA ORLEANS — Em duas horas e meia, entre as 14,30 e as 17 do dia 28 de outubro, um beneditino de 66 anos de idade, Dom Gregório De Witt, OSB, trouxe com seus pincéis um retrato de Sua Santidade o Papa João XXIII. O Padre De Witt vive na reitoria de Santa Teresa de Avila e, há 35 anos, ocupa-se com pintura tendo realizado exposições em Chicago, São Francisco e Nova Orleans. (NC).

QUEBEC, Canadá — Os reclusos na prisão local solicitaram a ce-

lebração de uma Missa de Réquiem em sufrágio de Pio XII; foi celebrada na capela do estabelecimento pelo capelão Padre Raimundo Mercier. (NC).

A GUATEMALA ESTABELECE INSTRUÇÃO RELIGIOSA E MORAL NAS ESCOLAS

GUATEMALA — O presidente Ydigoras Fuentes assinou o decreto que autoriza ensino religioso e moral em todas as escolas públicas da Guatemala. Há apenas uma semana o IV Congresso Continental Anti-comunista, reunido em Antigua, determinou, numa de suas resoluções, fôsse facilitada a instrução religiosa à mocidade americana.

Pelo decreto que acaba de entrar em vigor resolve-se que as aulas de religião e moral sejam dadas dentro do tempo ordinário do trabalho docente; os professores serão designados pelas autoridades religiosas competentes.

O ensino religioso e moral tem caráter livre e voluntário, à solicitação das crianças, dos seus pais ou encarregados.

A disposição adotada está de acordo com os artigos 95, 96 e 97 da Constituição, referentes à instrução pública e à liberdade de ensino. (NC).

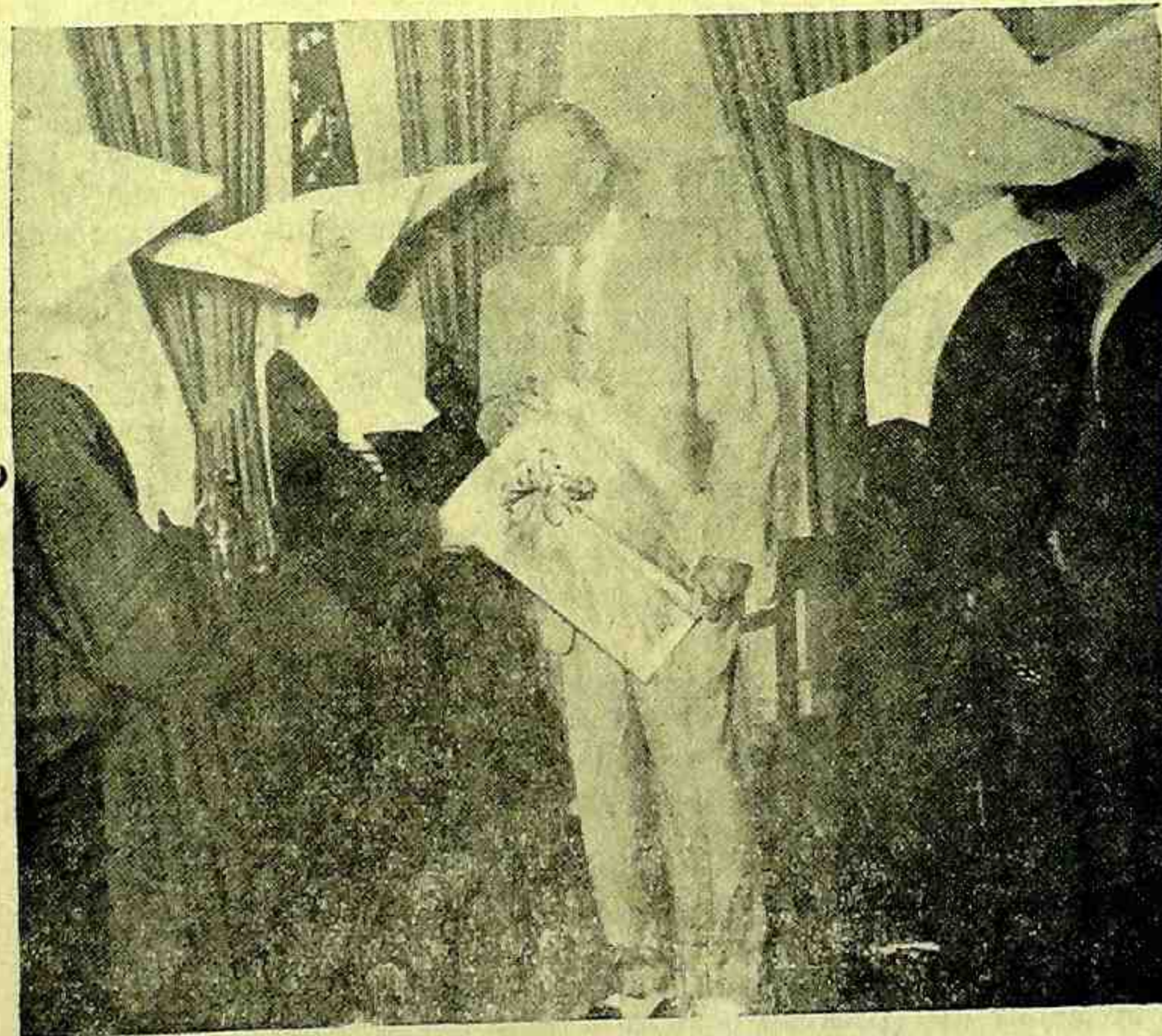
● BRASIL

GRANDE TRABALHO APOSTÓLICO NO BRASIL CONTRA O ÉRRO ESPIRITISTA

BALTIMORE — A praga espiritista faz maior mal ao Brasil do que protestantes e comunistas juntos, declarou aqui um missionário redentorista norte-americano.

O Rev. P. Bernardo Nolker C.S.S.R., que passou 18 anos naquele grande país da América do Sul, é reitor do seminário de sua ordem em Ponta Grossa, Paraná, que fundado há um ano já conta 73 seminaristas.

Os protestantes constituem pequena minoria e o comunismo, vigiado pelas autoridades, tem o seu âmbito de atividade quase limitado às grandes cidades, enquanto os curandeiros espiritistas



O Presidente dos EE. UU., sr. Dwight Eisenhower, recebeu, na Casa Branca, algumas Irmãs da Caridade, de S. Vicente de Paulo, que lhe foram oferecer um presente. Eisenhower entreteve com as Religiosas uma animada palestra, não se esquecendo de agradecer à Irmã Margaret, do Colégio São José, e Irmã Francine Lepicard, pela obra de assistência em favor dos enfermos

FÉ VIVA

Pe. DEMÉTRIO PÉREZ, C. M. F.

O maior dom com que Deus enriqueceu o gênero humano, com a sua Redenção, é exatamente a fé. Ela resolveu os mais árduos problemas, que agitaram sempre a humana inteligência e trouxe-lhe a paz, como os anjos cantavam no Nascimento de Jesus.

Este dom sobrenatural da fé, a todos foi concedido na fonte batismal; e embora esta luz divina pareça extinguir-se e apagar-se, isto é porque nos temos dado às coisas do mundo, desistindo este dom; ou talvez porque não cremos em Deus como o menino crê na sua mãe; ou talvez porque nós mesmos a temos querido apagar com preconceitos.

Os grandes santos que gozam hoje da visão beatífica de Deus, tinham, cada um, a sua virtude de predileção. Uns se fizeram admirar na terra por sua pureza; outros por sua humildade; estes por sua penitência, aqueles por sua caridade. Cada um tinha o seu especial característico de mérito que o distinguia dos outros.

Todavia o nosso especial característico deve ser a fé, uma fé viva, essa fé que deve ser a nossa vida. O justo, diz São Paulo, "vive da fé".

Mas já vivemos segundo esta fé? Confessamo-la com a boca e a negamos com as obras? É certo que entre os cristãos se acha uma grande contradição. Contradição entre a fé e as obras, e esta maneira de viver é comum a todos, ainda aqueles que parecem mais fervorosos na piedade e mais morigerados nos costumes.

Na vida particular como na pú-

blica, não nos inspiramos sempre segundo as leis imaculadas do evangelho. A família e a sociedade não sentem o perfume de que fala o Apóstolo — "Vos dimidiatis Christum", diz Tertuliano. Vós O confessais com a boca e O negais na prática.

Qual deve ser a nossa fé? Ela deve viver na nossa mente e informar as nossas obras. Ela deve ser digna dos encômios com que a magnificou Cristo. Deve ser aquela fé, que, diz São Paulo, faz que Cristo habite em nós; e segundo Santiago, tem vida só nas obras; e, segundo São João, tem a divina virtude de vencer o mundo.

Mas esta fé pode perder-se. Mas como se perde? Negando alguma verdade de fé, pelo pecado de infidelidade — Porém a alma se predispõe a isso: 1.º Pela falta de instrução religiosa; 2.º Pelas más companhias, más leituras, maus exemplos; 3.º Pelos vícios, sobretudo da impureza; por isso disse muito bem o herege Frederico II, da Prússia: "Quando um católico se faz protestante pouco ganhamos; porém quando um protestante se faz católico perdemos muito; 4.º Pela soberba humana; 5.º Pelo abandono das práticas religiosas; 6.º Pelo trato com pessoas acatólicas ou ímpias; 7.º Pela admissão voluntária de dúvidas, sobre as verdades da fé: Há dúvidas racionais, que se dissipam instruindo-se, e outras irracionais que se combatem com a oração e atos de fé.

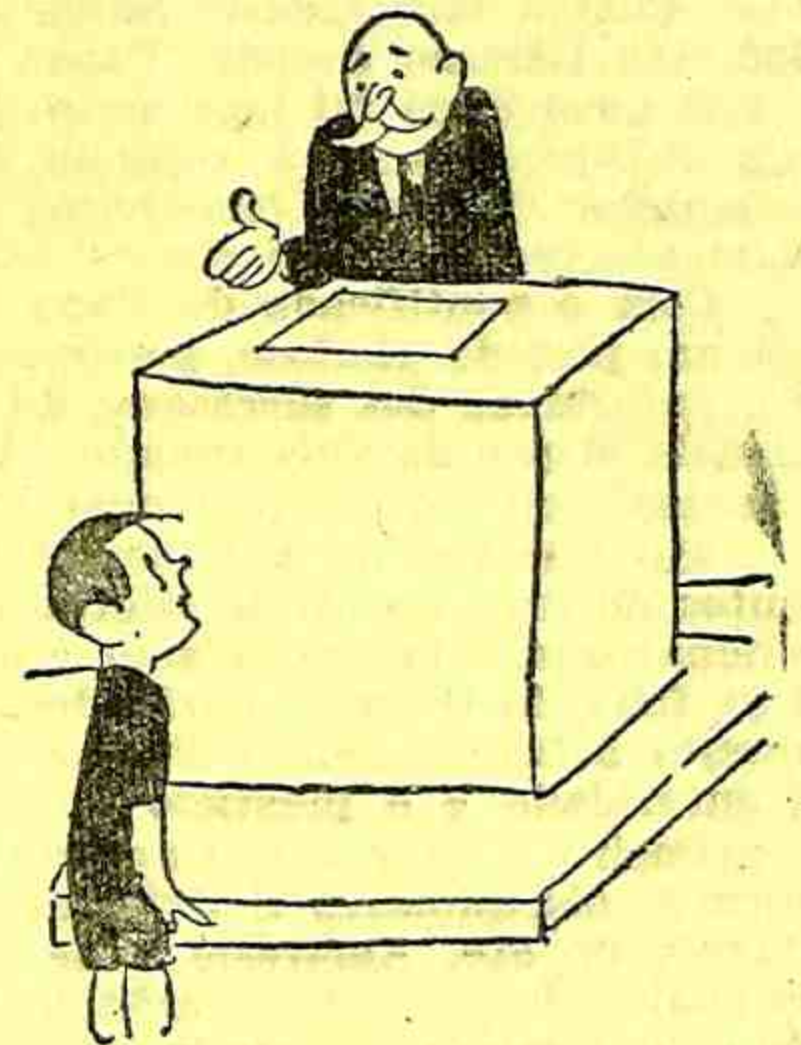
Havia dois fervorosos cristãos do Japão, que combinaram mutuamente entre si, que um deles,

que primeiro morresse, devia, se Deus assim permitisse, aparecer-lhe e trazer-lhe do outro mundo um aviso salutar. Morto um deles, apareceu pouco depois ao companheiro, que se chamava Leonardo, e, para fazer-lhe compreender, quanto fôsse necessária uma fé viva, para salvar-se, com voz alegre, lhe disse: "Amigo, estou salvo. Fé viva; Fé viva; Fé viva, ó Leonardo", e desapareceu.

Eis o conselho para salvar-se: "Fé viva; fé viva; fé viva".

- A única maneira de conseguir a felicidade é praticar o bem.

Antoine Fornero



— Pedrinho, diga-me: o que é salário?

— Não sei, professor.

— Ora, o que é que seu pai leva para casa, aos sábados?

— Uma grande bebedeira.

REMINISCÊNCIAS

Fôra no ano de 1905. Éramos criança.

Naqueles saudosos tempos que lentamente vão se apagando da memória, quando havia mutirão na colônia do inesquecível papai, Dionísio Destéfani, nossa tarefa consistia em ajudar a levar as refeições à gente do mutirão que trabalhava na roça. Mutirão?

Até esta própria palavra está caindo em desuso, porque passou a época do belo, fraternal e caridoso mutirão.

Entende-se por mutirão o auxílio gratuito que se prestam os lavradores, reunindo-se todos da redondeza e realizando o trabalho em proveito de um só que é o beneficiado, o qual, porém, nesse dia, faz os gastos das refeições com o pessoal do serviço. Esse trabalho grandioso é feito por ocasião da roçada, do plantio ou da colheita. O único gratificado somente se obriga a prodigalizar abundante comida aos trabalhadores do mutirão.

Tempos saudosos! Durante o amigável mutirão

reinava a mais perfeita alegria. Cantavam-se cânticos religiosos. Na hora do almoço em plena roça, rezava-se ao meio dia, o "Anjo do Senhor". Não se ouvia piada obscena. Tudo respirava recato e compostura. Ó, que saudades que eu tenho!

Pois, nesses dias de hoje, de fermentação social que parecem uma maldição, desapareceu o salutar costume do mutirão. No caldeirão hodierno, impera a vida de fábrica com a trepidante promiscuidade de sexos. No ambiente industrial contemporâneo, não são raros os ditos imorais, as anedotas pulhas, as pilhérias ambíguas, os chistes escabrosos, os gestos esdrúxulos. Em lugar de preces, ouvem-se não poucas pragas, blasfêmias e quejandas. Valha-nos Deus!

O famigerado progresso nos trouxe o mais bastardo retrocesso moral! Antes tivéssemos ficado com o patriarcal mutirão! "Oh!, tempora; oh!, mores!"

Ó, que saudades que eu tenho!...

Frei BENVINDO DESTÉFANI, OFM.



MUITO AGRADECEMOS
A TODOS ÉSTES DEVOTOS
E FAVORECIDOS DE SAN-
TO ANTÔNIO MARIA CLA-
RET QUE COM SEUS DO-
NATIVOS AJUDAM AS
VOCACÕES SACERDOTAIS
CLARETIANAS.

Pe. José de Matos Pereira,
C.M.F.

Diretor das V.S.C.

São Paulo
Cx. 615

LORENA: da. Maria Antonieta Borges. TAUBATÉ: sr. Amadeu Rovira, sr. Benedito Pereira, da. Maria Pires de Almeida. SÃO JOSÉ DOS CAMPOS: sr. Benedito Arruda Campos, da. Terezinha Llesack. CARANGOLA: da. Ilnah Ferreira Toledo. RIO POMBA: da. Gessy do Carmo. TRES RIOS: sr. Adauto Aguiem. VOLTA REDONDA: da. Maria Sarkis. CRUZEIRO: da. Ana de Aguiar Guedes. TREMEMBÉ: da. Maria de Fátima e da. Maria Guedes. GOIÂNIA: da. Maria Mirtes de Oliveira. CAMPO BELO: sr. Almir Chaves Soares. GONÇALVES FERREIRA: da. Maria Mercês Resende Reis. ITAPETININGA: da. Teresa Luisa Sousa. CARMO DA MATA: da. Maria Serrina Bastos. DIVINÓPOLIS: sr. Elísio Batista Leite, duas pessoas devotas. BAMBUÍ: sr. José Nelson de Sousa. GUARATINGUETÁ: da. Maria Silva. CARANGOLA: da. Maria C. do Vale. NOVA LIMA: sr. Everaldo Ferreira da Silva. BARIRI: da. Graciosa Manari de Sousa. BOM SUCESSO: sr. Eurico Alves Pinto. SOROCABA: da. Sílvia Bolina Taucanaro. SÃO BENEDITO DAS AREIAS: sr. Luís Antônio Massaro. SÃO PAULO: da. Heloína Moura. BARBACENA: da. Marieta Rocha, da. Irene Albuquerque. JUIZ DE FORA: da. Celina Schuvarfeu, da. Maria Angélica de Andrade, da. Gabriela Figueiredo Almeida, da. Maria Braga, da. Maria Gomes, da. Antonieta Theez, sr. Célio José Henrique Manso, da. Ivenise Manso Alvim, da. Afrânia Tavares Machado, da. Violeta Rabelo e da. Nara Salomão Vieira. CONCHAS: da. Clara Sbrágia Ferreira, da. Anita Bragioni, da. Ana Maria Jacob, sr. Emídio Alegre Ferreira. LARANJAL PAULISTA: da. Maria Rodrigues Orsi e da. Cecília Salto Almeida. TIETÊ: da. Terezinha Sorage Ribeiro e da. Vitória Sacom. CERQUILHO: da. Antônia Cinto Luqueta, da. Pierina Zanetti Moretti e da. Nair Melo Viana. PIRAPITINGA: da. Ernestina Machado, da. Maria

Nazaret Teles, sr. Alvaro Angelo Gonçalves e sr. José Antônio Lorente. LEOPOLDINA: da. Maria Lourdes Coutinho Pereira. RIO DE JANEIRO: da. Climene Costa Cruz Castanheira. CATAGUASES: da. Alcídia Carvalho Andrade, da. Margarida Pereira de Melo, sr. João Nepomuceno, da. Francisca Assis Pereira, da. Maria Pereira Chaves. SETE LAGOAS: da. Ana M. Almeida. BELO HORIZONTE: da. Clélia Guerra. ESTRÉLA DALVA: da. Maria T. Silva. JOAÇABA: sr. Antônio Zibetti. BELO HORIZONTE: da. Terezinha Ferreira. REZENDE: da. Maria de Araujo. ITARARÉ: da. Amélia S. Silva. BARIRI: da. Leonor Colin. JOÃO PINHEIRO: da. Ana S. Nolasco. CARANGOLA: da. Maria Guarinello. MIRACEMA: da. Isaura P. Barros. LINS: da. Lourdes Iyda. PIRACICABA: da. Luiza P. Zanin. CAPIVARI: sr. Sérgio Coracim, da. Joana D.



BARIRI

Maria Claret

Seus pais: Sr. Benedito Delfino Oliveira e Da. Adair Albano de Oliveira

Iregonezi. SOROCABA: da. Angelina Vanazzi. SÃO PAULO: da. Lucilia A. Silva, da. Isabel M. Amaral, da. Sidnei Miana, da. Ercilia G. Lima, da. Heloína Moura e da. Eugênia L. Asprino. ITIBIRUNA: da. Maria Zita da Silva. PIRAJUI: da. Inês Guemandi. BAURU: da. Jacy Louzar Villaça, da. Zibelina V. Bueno. PÓRTO ALEGRE: sr. Angelo Rossi. OURINHOS: da. Maria Aparecida Brás Galvão. PINHAL: da. Rosa Barotolmé Schuller. JARINU: da. Aurora Bonança Tafarello. TAQUARA: da. Yolanda Müller. BARRA DO PIRAÍ: da. Noêmia Rocha Guimarães. PITANGUI: da. Rita Cândida de Freitas. JOAQUIM TÁVORA: da. Saline Luís Morais. MOGI MIRIM: Uma Devota. JAGUARIUNA: da. Santina Rizzoni. CAPIM BRANCO: da. Maria Júlia B. Andrade. PARÁ DE MINAS: da. Geraldina Maria Lopes. ITAPEVA: da. Josina Vasques Ferrari. ANDIRÁ: da. Maria Myrthes Pashoalino Canhoto, da. Leonor Teixeira, da. Floripes Rodrigues Simoni. FRANCA: da. Rita Miloranza. BATATAIS: da. Ana Aparecida Vilar. JABOTICABAL: da. Josepha Yanes Nogueira, da. Floriza Gagliardi Afonso. LUZ: da. Maria Alzira Silva. NOVA LIMA: da. Tilde Gavioli Martins. RIO PRETO: da. Ermínia Silva Rienzo. TAIUVA: sr. Romeu Kenan e Milton Kenan DOBRADA: Família Belintane. PERDÕES: da. Zinah R. Alvarenga. SOROCABA: da. Cleusa Fragnan. NATÉRCIA: da. Nazaré Fernandes. SÃO BORGES: sr. José Algemiro, da. Clarice Miranda. SANTO ANGELO: da. Amá-
bile Bassani. URUGUAIANA: da. Armensinda Sousa, da. Maria Garcia Tolossa, da. Angela Miguens, da. Irma Mala Hormnis. SOMBRIO: sr. João Martins Cardoso. FORMIGA: da. Olinda Umbelina da Silva. CATANDUVA: Família Augusto Vanzelli. CRISCIUMA: da. Tereza Martignano.

OS NOIVOS

mava e regulava tudo; acalmava os tumultos, atendia às queixas, ameaçava, punia, repreendia, confortava, enxugava e derramava lágrimas. No principio, contraiu a peste; ficou bom, e voltou, com novo alento aos desvelos de antes. Na maioria, os seus confrades ali deixaram a vida, e todos com alegria.

De certo, uma tal ditadura era um estranho expediente; estranho como aquela calamidade, como aquêles tempos; e, quando dela mais não soubéssemos, bastaria por argumento, antes por amostra, de uma sociedade mui rude e mal dirigida, o ver aquêles a quem impendia um tão importante governo já não saberem mais o que fazer dêle senão cedê-lo, nem acharem a quem cedê-lo senão a homens, por instinto, os mais alheios a isso. Amostra, porém, ao mesmo tempo não ignóbil da fôrça e da habilidade que a caridade pode dar em todos os tempos e em qualquer ordem de coisas, é ver êsses homens sustentarem tão bravamente um tal encargo. E igualmente belo foi haverem-no aceitado sem outra razão a não ser a de não haver quem o quisesse, sem outro fim a não ser o de servir, sem outra esperança neste mundo que a de uma morte muito mais invejável do que invejada; e igualmente belo foi ser-lhes êle oferecido só porque era difícil e perigoso, e por se supor que o vigor e o sangue frio, tão necessário e tão raro naqueles momentos, êles o deviam ter. E, por isso, a obra e o coração dêsses frades merecem rememorados com admiração, com ternura, com essa espécie de gratidão que é devida, como que solidariamente, pelos grandes serviços prestados por homens a outros homens, e devida ainda mais aquêles que se não propõem prestar tais serviços em busca de recompensa. "Porque, se êsses Padres aqui não se achassem", diz Tadino, "seguramente tôda a cidade estaria aniquilada; pois que foi coisa milagrosa o haverem êsses Padres feito em tão pouco espaço de tempo tanta coisa para benefício público, que, não tendo tido ajuda, ou pelo menos pouca, da Cidade, com a sua indústria e prudência mantiveram no lazareto tantos milhares de pobres". As pessoas abrigadas naquele lugar durante os sete meses em que o Padre Félix lhe teve o governo, foram cêrca de cinqüenta mil, segundo Ripamonti; o qual diz com razão que de um tal homem deveria êle igualmente falar se, em vez de descrever as misérias de uma cidade, devesse narrar as coisas que a esta podem fazer honra.

Também no público, aquela teimosia de negar a peste ia naturalmente cedendo e perdendo-se, à medida que o mórbus se difundia, e difundia-se por via do contacto e do tráfico; e ainda mais quando, depois de ficar por algum tempo somente entre os pobres, começou a atingir pessoas mais conhecidas. E, entre estas, da mesma forma que não foi o mais notado, assim também merece agora expressa menção o protomédico Settala. Terá aquela gente ao menos confessado que o pobre velho tinha razão? Quem sabe? Caíram enfermos de peste êle, a mulher, dois filhos e sete pessoas de serviço. Êle e um dos filhos salvaram-se; o resto faleceu. "Êstes casos", diz Tadino, "ocorridos na Cidade em casas Nobres, dispuseram a Nobreza e a plebe para pensar, e os incrédulos Médicos, e a plebe ignara e temerária começou a apertar os lábios, cerrar os dentes e franzir os sobrolhos".

Porém os surtos, os expedientes, as vindictas,

por assim dizer, da teimosia vencida, às vêzes são tais que fazem desejar tivesse ela ficado, até à última, firme e invicta contra a razão e a evidência; e esta foi bem uma dessas vêzes. Aquêles que tão resoluta e tão longamente haviam impugnado houvesse perto dêles, entre êles, um germe de mal que por meios naturais pudesse propagar-se e devastar, não podendo já agora negar a propagação dêle, e não querendo atribui-lo aquêles meios (o que valeria por confessar a um tempo um grande engano e uma grande culpa), tanto mais dispostos se sentiam a arranjar para êle alguma outra coisa, a aprovar qualquer uma que fôsse aventada. Por desgraça, havia uma de pronto nas idéias e nas tradições então comuns não aqui somente, mas em tôdas as partes da Europa. Artes venéficas, operações diabólicas, gente conjurada em espalhar a peste por meio de venenos contagiosos, de feitiço. Já coisas tais ou semelhantes haviam sido supostas e acreditadas em muitas outras pestes, e aqui, assinaladamente, na de meio século antes. Acrescente-se que, desde o ano antecedente, tinha vindo um despacho, assinado pelo rei Filipe IV, ao governador, para adverti-lo de que haviam fugido de Madrid quatro franceses, procurados como suspeitos de espalhar unguentos venenosos, pestíferos: estivesse êle alerta, se por acaso êles viessem a aparecer em Milão. O governador comunicara o despacho ao Senado e ao tribunal da Saúde; mas nem por isso parece que naquela ocasião, se cuidasse disso como seria de mister. Todavia, uma vez irrompida e reconhecida a peste, a lembrança dêsse aviso pode ter servido de confirmação à suspeita indeterminada de uma fraude criminosa; pode ter sido também a primeira ocasião de fazê-la nascer.

Dois fatos, porém, um de medo cego e indisciplinado, e outro de não sei que maldade, foi que converteram essa suspeita indeterminada de um atentado possível, em suspeita, e para muitos em certeza, de um atentado positivo e de uma trama real. Algumas pessoas a quem parecera ver, na tarde de 17 de Maio, andarem certas outras untando na catedral um balaústre que servia para separar os espaços destinados aos dois sexos, à noite fizeram transportar para fora da igreja o balaústre e uma quantidade de bancos que por êle estavam encerrados; embora o presidente da Saúde, que acorrera a fazer a inspeção, com quatro pessoas do officio, havendo revistado o balaústre, os bancos, as pias de água benta, sem nada acharem que pudesse confirmar a ignorante suspeita de um atentado venético, houvesse, para comprazer com as imaginações alheias, e mais por excesso de precaução do que por necessidade, houvesse, digo, decidido que bastava fazer uma lavagem no balaústre. Aquele volume de móveis empilhados produziu grande impressão de medo na multidão, para a qual um objeto tão facilmente se transforma num argumento. Disse-se e acreditou-se geralmente que tinham sido untados na catedral todos os bancos, as paredes e até as cordas dos sinos. E não se disse isso somente nessa ocasião: tôdas as memórias dos contemporâneos que falam dêsse fato (algumas escritas muitos anos depois), falam dêle com igual segurança: e a sua história verídica seria preciso adivinhá-la, se não se achasse numa carta do tribunal da Saúde ao governador, carta que se conserva no arquivo chamado de São Fidélis; da qual o extrairmos, e da qual são as palavras que grifamos.

Na manhã seguinte, um novo e mais estranho, um mais significativo espetáculo feriu os olhos e as mentes dos cidadãos. Em tôdas as partes da cidade viram-se as portas das casas e as paredes, por longuíssimos trechos, emporcalhadas de não sei que sujeira, amarelada, esbranquiçada, espalhada nelas como com esponjas. Ou tenha sido um prazer estúpido de gerar um pavor mais rumoroso e mais geral, ou tenha sido um mais celerado intuito de aumentar a confusão pública, ou eu não saberia dizer que

(Continua)